

Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo

Vera Lúcia Paredes Silva

Gilda Moreira dos Santos

Tatiana de Oliveira Ribeiro

Resumo

Este artigo compara dois fenômenos em variação no português atual: a expressão do sujeito pronominal e as formas verbais de imperativo, ambas referentes à 2ª pessoa do singular. O estudo compreende um período de um século e meio de história da língua, através da análise de peças teatrais escritas por autores cariocas ou ambientadas no Rio de Janeiro. A partir de análises quantitativas, utilizando o aparato teórico-metodológico da sociolinguística laboviana, correlaciona o percurso do pronome de 2ª pessoa do singular à escolha das formas de imperativo, procurando encaixá-los numa perspectiva de mudança linguística.

Palavras-chave: variação; sujeito pronominal; segunda pessoa; imperativo.

É um tanto controversa a situação do pronome sujeito de 2ª pessoa do singular no português brasileiro. As gramáticas tradicionais insistem em incluir apenas tu no quadro dos pronomes retos, reservando a você o status de pronome de tratamento. Entretanto, autores como SAID ALI (1969) e CÂMARA JR. (1970) já apontavam a substituição do primeiro pelo segundo, embora, às vezes, evitassem designá-lo como pronome pessoal. Descrições mais recentes do português (cf. MONTEIRO, 1991 e Ilari et alii, 1996) reconhecem em você o verdadeiro pronome de segunda pessoa no português do Brasil, considerando tu uma forma sobrevivente apenas no sul do país.

No entanto, diferentemente do que indicam esses autores, pesquisas recentes na fala carioca informal (PAREDES SILVA, 1996) e em peças teatrais de meados do século XIX até a década de 90 deste século (PAREDES SILVA, 1999) têm indicado uma tendência ao ressurgimento do sujeito tu, embora desacompanhado da flexão verbal esperada. Ou seja, o pronome tu que vem reaparecendo na área do Rio de Janeiro ocorre em estruturas não padrão, acompanhado de formas verbais de 3ª pessoa do singular.

Paralelamente a esse fenômeno, tem-se assistido ao crescimento do uso da forma de imperativo referente ao sujeito tu, mesmo quando o tratamento do ouvinte se faz por você, como se nota no conhecido comercial de uma instituição financeira, 'Vem pra Caixa você também'. Tal combinação, embora igualmente proscria pela gramática normativa por configurar "mistura de tratamento", parece já estar mais difundida na fala brasileira, como têm mostrado os estudos de SCHERRE et alii (1997, 1999), fato que contribuiria para seu caráter menos estigmatizado do que a falta da concordância verbo/sujeito no caso do pronome tu.

Para traçar um paralelo entre o crescimento paulatino desses dois fenômenos, a teoria da variação e mudança lingüística oferece um aporte teórico-metodológico apropriado, uma vez que permite lidar com uma grande massa de dados, controlando simultaneamente um conjunto de variáveis independentes, de natureza interna ou externa, que poderiam estar interferindo nessas escolhas.

A amostra utilizada para este estudo faz parte de um *corpus* de dezoito peças teatrais, constituído para a investigação do percurso do pronome sujeito de 2ª pessoa do singular na fala do Rio de Janeiro¹. O material foi selecionado visando a obter, na impossibilidade de registros gravados, exemplares o mais possível próximos à fala de cada época. Por essa razão, escolheram-se peças de autores cariocas ou que fossem ambientadas no Rio de Janeiro. Deu-se preferência àquelas que apresentavam relações e intrigas em família, no intuito de poder-se observar como se tratavam personagens de diferentes gerações, em diálogos supostamente informais. As peças que compõem este estudo são:

¹ A pesquisa 'O percurso da variação na referência à segunda pessoa no português carioca' foi desenvolvida com o apoio do CNPq, vinculada ao Projeto Integrado PEUL/UFRJ. Das 18 peças teatrais que compõem a amostra completa, três foram gentilmente cedidas por Maria Eugênia L. Duarte. Agradecemos ainda a Edwaldo Cafezeiro pelas valiosas indicações quanto aos textos selecionados para cada período.

PEÇA	AUTOR	DATA
O namorador	Martins Pena	1844
Casa de Orates	Aluisio Azevedo	1882
Onde canta o sabiá	Gastão Tojeiro	1922
A garçonnière de meu marido	Silveira Sampaio	1949
Pedro Mico	Antonio Callado	1954
Gota d'água	Chico Buarque/P. Pontes	1975
No coração do Brasil	Miguel Fallabela	1992

Quadro 1 - Peças e autores componentes da amostra

A questão do sujeito pronominal

As mudanças que a referência pronominal ao sujeito de 2ª pessoa tem sofrido, ao passar do predomínio de tu ao de você e, mais recentemente, ao acolher de volta o pronome tu, não serão aqui objeto de estudo (ver PAREDES SILVA, 1996 e 1999).

Convém, talvez, apresentar um panorama geral do emprego do pronome tu nas peças que compõem esta amostra, considerando-se especialmente a possibilidade de variação com você (além de o senhor ou zero). A tabela 1 abaixo confronta os percentuais de cada pronome no *corpus* investigado. Na parte esquerda da tabela, toma-se como aplicação da regra a escolha da forma tu. À direita, a de você . É necessário ainda esclarecer que, nesses cálculos, não estão incluídas orações reduzidas nem imperativas:

	TU		VOCÊ	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
O namorador	55/102	54	2/102	2
Casa de orates	12/103	12	17/103	16
Onde canta o sabiá	2/101	2	40/101	40
A garçonnière	19/104	18	48/104	46
Pedro Mico	27/101	27	61/101	61
Gota d'água	1/100	1	47/100	47
No coração do Brasil	23/100	23	62/100	62

Tabela 1 - Frequência de uso dos sujeitos tu e você

Cabe ressaltar que, nas peças que compõem o primeiro conjunto (até a década de quarenta do século XX), as ocorrências computadas como aplicação da regra para tu compreendem tanto o uso explícito do pronome como sua ausência, pois nesse caso o verbo é flexionado na 2ª pessoa do singular (uso padrão). Já nas três peças do segundo período, como não mais se encontra a flexão verbal específica de 2ª pessoa, os números correspondem apenas ao uso explícito de pronome tu. No que diz respeito à coluna da direita, todos os casos são de uso explícito do pronome². Essa trajetória parece ter alguns marcos. Um deles é a década de 20, com o movimento modernista. A busca de uma língua brasileira leva autores como Gastão Tojeiro a procurarem uma forma de expressão mais nacional. Segundo GALANTE DE SOUSA (1968), este autor faz parte de um

² O total de cerca de cem dados por peça se completa com as ocorrências de o senhor e de sujeito zero representado por verbo na terceira pessoa do singular.

movimento de renovação do teatro brasileiro, com o renascimento da comédia de costumes. Na peça analisada, há uma sensível queda no uso de tu, se a compararmos com a antecedente e um aumento significativo no percentual de uso explícito da forma você (40% do total de sujeitos).

O texto de Silveira Sampaio que ilustra a década de 40 acompanha essa tendência, mantendo um percentual próximo, quanto ao uso de você (46%), mas representa um aumento para o pronome tu (e flexões), se o compararmos com o anterior. Talvez isso se deva a uma estratégia do autor para assinalar as mudanças de humor dos personagens principais, marido e mulher, que ora se tratam por você (maioria), às vezes por tu e até por o senhor. Isso terá reflexos no uso do imperativo, como veremos a seguir.

Outro marco é *Pedro Mico*, de Antonio Callado. Peça ambientada numa favela carioca, ela eleva novamente as taxas do sujeito tu, porém com uma diferença: sem a marca flexional correspondente. O percentual de 27% da tabela 1 se refere, portanto, ao uso explícito do pronome com verbo na 3ª. pessoa do singular. O exemplo abaixo é ilustrativo:

Pedro _ (...) Mas onde é que tu aprendeu a ler nessa disparada toda? (PM p.72)

Os personagens em questão são marginais e a intenção é retratar um registro de fala que provavelmente já existia em certos segmentos sociais³.

Gota d'água, apesar de posterior, não segue a mesma tendência. Embora retrate a vida de moradores de um conjunto habitacional, esta recriação da *Medéia* por Chico Buarque e Paulo Pontes mantém um tom mais literário na fala rimada dos personagens e faz uso do sujeito tu uma única vez, desacompanhado da flexão verbal padrão.

Na peça mais recente de Falabella (1992), o pronome tu, sempre sem a concordância devida, já aparece na fala de pessoas comuns, de classe média baixa, mas não marginais, como os personagens de *Pedro Mico*.

É evidente que essas modificações, com o "empobrecimento" da flexão verbal, têm efeitos na expressão explícita ou não do sujeito de 2ª pessoa, mas esta questão não está no cerne deste trabalho (cf. PAREDES SILVA, 1999). Até este ponto, o que nos interessa é destacar três momentos dessa trajetória: predomínio inicial do sujeito tu (ou flexão), como tratamento de intimidade (a par de o senhor, para casos de cerimônia); sua substituição pelo tratamento você (ainda alternando-se com o senhor), seja elíptico ou não e aumento de tu explícito, no uso não padrão (e forte queda no uso de o senhor).

A questão do imperativo

O imperativo, como expressão lingüística de um modo, cumpre uma função bem clara na língua ao assinalar ordem, pedido, conselho, convite, por exemplo, mas não se distingue por ter forma própria:

O imperativo, como já vimos, não é mais que um subjuntivo sem o elo da subordinação sintática. Por isso, confunde-se formalmente com

³ Comportamento semelhante pudemos observar em *Gimba*, de Gianfrancesco Guarnieri, também escrita na década de 50 e ambientada numa favela. Esta peça não fez parte da análise comparativa com o imperativo.

com ele no verbo negativo e mesmo no afirmativo, fora da 2ª. pessoa do singular (...) (CAMARA JR., 1970, p.92)

Said Ali complementa, em sua *Gramática Secundária*, afirmando que

Formas próprias têm o imperativo da língua portuguesa somente para os sujeitos tu e vós nos dizeres afirmativos. Nas frases negativas supre-se a falta com o presente do conjuntivo (SAID ALI, 1969, p. 165).

Por essa razão, e talvez pela pouca afinidade do falante brasileiro com as formas de subjuntivo (conjuntivo), é provável que se tenha generalizado a idéia de que a forma específica para a 2ª pessoa *tu* era "a forma" do imperativo, estendendo-se ao emprego de *você*. O fato é que podemos traçar também uma trajetória dessas variantes através das mesmas peças teatrais.

Há uma série de condicionamentos lingüísticos que se correlacionam à escolha da forma de indicativo em análises comparativas da fala e da escrita (cf. SCHERRE, 1997 e 1999), tais como o caráter afirmativo do enunciado, a conjugação do verbo (1ª) e a ausência de clítico junto ao verbo. Nossos dados confirmaram a relevância desses contextos (cf. SANTOS & RIBEIRO, 1999). O espaço deste trabalho, porém, não permite que nos detenhamos nessas restrições. Por isso, vamos concentrar-nos em dois aspectos, que foram também tratados como variáveis nesta pesquisa. Um deles é a escolha do sujeito, variável que sempre aparece em primeiro lugar na seleção do programa VARBRUL⁴. O segundo é a própria peça, como ilustrativa das tendências de fala de determinada época.

Na hipótese de que a escolha entre forma de 2ª ou de 3ª pessoa (portanto, proveniente do indicativo ou do subjuntivo) para o imperativo poderia ser influenciada pelo uso de *tu*, *você*, ou mesmo pelo de *o senhor* para referência ao ouvinte, controlamos esse fator. Para esta classificação, levou-se em conta a forma de tratamento predominante para aquele personagem, no contexto próximo da ocorrência de imperativo examinada. Assim é que, n' *A garçonnière de meu marido*, num momento de maior indignação, quando a personagem Gardênia descobre que o marido mantém outro apartamento, trata-o como *o senhor* e usa a forma correspondente de imperativo:

Gardênia _ Vamos, diga, como é que *o senhor* explica a sua presença aqui? (p.108)

Mais adiante, porém, passa a tratá-lo por *tu* e também muda o imperativo:

Gardênia _ Oh, querido, então *toma* uma providência, *reprende* os meninos. *Tu* és sempre tão severo quando os nossos filhos fazem isso (p. 110)

No entanto, nem sempre se observa esse cuidado de combinar sujeito e imperativo. Para ficarmos no âmbito da mesma peça, o marido surpreendido, ao tentar desvencilhar-se de uma visita indesejável naquele momento, assim dirige-se a ela:

Iseu _ Não, minha filha, *você* não conhece não...*Dá* o forinha com o Senador, que ele depois te paga uma coca-cola... (p.141)

⁴ Julgamos desnecessário detalhar neste ponto o funcionamento do pacote computacional VARBRUL. Para maiores detalhes, ver outras referências bibliográficas.

É curioso observar que, de início, essa "mistura de tratamento" com o imperativo de 2ª pessoa tendia a ocorrer em situações marcadas pelos autores como de maior informalidade, ou de certa assimetria social entre os participantes. Na peça tomada como exemplo, esses casos praticamente se concentraram na cena acima citada.

Em nossa análise da variação, consideramos a forma de segunda pessoa (a proveniente do indicativo) como aplicação da regra. De cada peça foram extraídas 50 orações com verbo no imperativo. No conjunto do *corpus* analisado, a forma indicativa prevalece, representando 57% do total de ocorrências. O sujeito que mais contribui para seu uso é, naturalmente, o sujeito tu (91%) e o que mais a desfavorece é o senhor, com apenas 19%. A tabela 2 a seguir mostra esses resultados:

	Apl/T	%
Tu	91/100	91
Você	97/185	52
O senhor	14/68	19
Total	202/353	57

Tabela 2 - Influência do tipo de sujeito na escolha do imperativo de 2ª. pessoa

Ocorre que, se tomarmos esses dados em conjunto, estaremos incluindo num mesmo grupo dois usos diferentes do pronome tu: até a década de 40, quando ocorria seguido da flexão verbal correspondente e a década de 50 em diante, quando, ao aparecer, é acompanhado de verbo na 3ª pessoa. É necessário, então, observar a trajetória de crescimento desse uso, através das épocas, e cruzar esses resultados com os números por peça. Através do programa CROSSTAB se podem verificar essas combinações:

Sujeito	Tu	O Sr	Você	Total
O namorador	16 = 80%	0 = 0%	6 = 60%	22 = 44%
Total	20	20	10	50
C. de orates	6 = 100%	0 = 0%	0 = 0%	6 = 12%
Total	6	22	22	50
Onde canta	-	6 = 67%	28 = 65%	34 = 65%
Total		9	43	52
A garçonniere	3 = 75%	4 = 36%	17 = 46%	24 = 46%
Total	4	11	37	52
Pedro Mico	36 = 90%	-	8 = 89%	4 = 90%
Total	40		9	49
Gota d'água	-	-	34 = 68%	34 = 68%
Total			50	50
No coração	30 = 100%	3 = 50%	4 = 29%	37 = 74%
Total	30	6	14	50
Apl. Total	91 = 91%	13 = 19%	97 = 52%	201 = 57%
Total	100	68	185	353

Tabela 3 - Influência do tipo de sujeito e da época (peça teatral) no imperativo de 2ª.pessoa

Num primeiro momento, ou seja, em meados do século XIX, período em que se situa *O namorado*, o tratamento familiar predominante era tu, entre os jovens, ou o senhor para os mais velhos ou os de maior cerimônia. Casos de uso do sujeito você eram bastante raros⁵. Nessa peça, eles aparecem na conversa entre dois meninos (sem importância na trama) ou entre o dono da chácara e seu feitor. É também nesses contextos que encontramos a primeira "mistura" de imperativos, bastante atual, aliás, com o uso de você com um imperativo de 2ª pessoa:

Menino_ Vamos fazer uma fortaleza aqui. (assenta-se no chão) Juquinha, você faz a outra. Enterra as pistolas e as bichas. (...) Anda, vem-me ajudar. (p.288)

Em *Casa de Orates*, onde se observa um aumento significativo no uso de você como sujeito, este é acompanhado da queda no imperativo de 2ª pessoa: do total de 50 ocorrências de imperativo, apenas 6 (12%) têm a forma própria de 2ª pessoa, e todas elas, coincidentemente, se apresentam acompanhando o sujeito tu. Portanto, Aluisio Azevedo consegue evitar a "mistura de tratamento".

Porém, o momento de maior interesse para nosso estudo é representado por *Onde canta o sabiá*. Observe-se que, apesar de não ter sido encontrado nenhum sujeito tu na seqüência analisada, a aplicação da regra de imperativo de 2ª pessoa é bastante alta, seja com o sujeito você ou mesmo o senhor. Estava instituído o "abrasileiramento" do imperativo. Os exemplos abaixo ilustram esses usos. No primeiro deles, temos uma fala de patrão para empregado, Já no segundo a mulher dirige-se ao marido, que trata como você, alternando na mesma seqüência as formas de imperativo:

Justino _ O melhor é você fazer o seguinte: *traz* essa coisa cá acima, que eu *lhe* dou um jeito. (OCS p.4)

Inácia _ Oh, homem de Deus, *deixa* a porcaria do jardim e *vá* se *aprontar* de uma vez, *senão* perde o trem. (OCS p.6).

Vale comentar que, embora não tenhamos controlado a natureza lexical do verbo como um fator, observamos o predomínio de certos itens como talvez iniciadores da "mistura": *olha, deixa, faz, vai*, entre eles. Certamente é um aspecto que merece averiguação posterior.

Na seqüência cronológica, vemos que tendência a se empregar a forma de imperativo de 2ª pessoa para sujeito você e o senhor se mantém, e mesmo um texto como o de *Gota d'água*, no qual, como já se comentou, praticamente só se emprega você como sujeito e não se foge à concordância verbal padrão, a taxa de imperativos de 2ª pessoa é bastante elevada: 68%.

Finalmente, nas duas peças que introduzem o uso não padrão de tu, *Pedro Mico* e *No coração do Brasil*, é mais do que natural que as taxas de imperativo de 2ª pessoa sejam mais altas (90% e 74%, respectivamente), em função do próprio aumento do sujeito tu. Além disso, mesmo em contextos de uso de o(a) senhor(a) se encontram alguns casos de

⁵ Em *Quem casa quer casa*, também de Martins Pena, constatamos um único você em toda a peça, usado num momento de extrema irritação da sogra ao falar com o genro.

imperativo de tu, como na seguinte fala da Neiva dirigida à Dona Irene, a personagem tratada por todos com maior deferência:

Neiva _ Conta, D.Irene! (NCB, p.29)

Em síntese, pretendemos mostrar que a variação no uso das formas de imperativo de 2ª. pessoa, até onde podemos confiar nos textos teatrais como reveladores das tendências de cada época, é antiga no português brasileiro - dá seus primeiros sinais no teatro de Martins Pena. Acreditamos que a inserção da forma você no sistema de pronomes pessoais do português, que se constata a partir da década de 20, provocou certo desequilíbrio também no arranjo de formas verbais. O que aconteceu naturalmente nos outros modos (o emprego com você da flexão verbal de 3ª pessoa, própria dos pronomes de tratamento, nos quais a forma se origina) não se estendeu ao imperativo, onde a forma própria da 2ª pessoa conseguiu manter-se. Descartamos, como Faraco (1986), a interpretação de que não se tenha de fato, nesses casos, formas imperativas, mas usos do indicativo, o que simplificaria a questão da falta de concordância. Os contextos discursivos desses imperativos de 2ª pessoa caracterizam ordens, pedidos, enfim toda a sorte de atos diretivos que implicam comando.

Assim, pode-se dizer que prevaleceu aquela que era a forma específica do imperativo para o ouvinte, independentemente da maneira como era tratado. Talvez essa "mistura de tratamento" no imperativo tenha aberto as portas para a retomada do pronome de 2ª pessoa no uso não padrão hoje bastante difundido na fala carioca⁶.

Abstract

This article is a study of two variable phenomena in Brazilian Portuguese: the use of subject pronoun and the verbal forms of imperative, both referring to 2nd. person singular. The investigation is based on a corpus composed of seven theatre plays written in the middle of 19th. century and in 1992. Their action takes place in Rio de Janeiro. The quantitative analysis compares the changes in use of subject pronoun (tu and você) to the use of variable forms of imperative and discusses the influence of subject pronoun as a constraint to the choice of the imperative form.

Keywords: subject pronoun; variation; imperative.

⁶ Esse é um traço da língua falada. Na escrita, mesmo informal, o uso não padrão de tu tende a ser evitado (cf. Paredes Silva, 1988).

Referências

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- GALANTE DE SOUSA, J. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre a sentença imperativa no português. *D.E.L.T.A*, v. 2, n. 1, 1986.
- ILARI, Rodolfo. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba & BASÍLIO, Margarida (orgs.) *Gramática do português falado*, v. IV, Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- _____. *Principles of linguistic change*. V.1: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- MONTEIRO, José Lemos. *Os pronomes pessoais na fala culta*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas*. A variação do sujeito na escrita informal. Tese de Doutorado: UFRJ, 1988.
- _____. *A variação na referência à segunda pessoa no português carioca*. Relatório parcial de pesquisa apresentado ao CNPq. Faculdade de Letras: UFRJ, 1996.
- _____. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de segunda pessoa do singular no português carioca. Belo Horizonte, *Revista de Estudos da Linguagem*, v.7, n. 2, jul./dez. 1998.
- _____. *O percurso da variação na referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular no português carioca*. Relatório final de pesquisa apresentado ao CNPq, UFRJ, 1999.
- _____. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. Florianópolis, *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*, 1999.
- SANTOS, Gilda Maria & RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. *Manda ou mande: a variação do imperativo na fala carioca*. IX Congresso da ASSEL- Rio, 1999.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária*. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira et alii. Phonic parallelism: evidence from the imperative form in Brazilian Portuguese. *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE 26 à l' Université de Laval. Québec, 1997. p.63-72.
- _____. *Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil*. Universidade de Brasília, 1999.